

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Lucas Rodrigues Vieira

**A ERA DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL E SUAS
RELAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Santa Maria, RS
2018

Lucas Vieira Rodrigues

**A ERA DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL E
SUAS RELAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de título de **Especialista em Educação Física Escolar**.

Orientadora: profa. Dra. Maristela da Silva Souza.

Santa Maria, RS

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

A comissão Examinadora abaixo assinada,
Aprova a Monografia de Especialização

**A ERA DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL E SUAS
RELAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Elaborada por
Lucas Vieira Rodrigues

Como requisito parcial para obtenção de grau de **Especialista em Educação Física Escolar**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Maristela da Silva Souza
(Presidente, Orientadora)

Me. Vinícius de Moraes Brasil, Me. (UFSM)

Guilherme Stumer Lovatto, Esp. (UFSM)

Marcele Sachete Dorneles, Esp.
(Suplente)

Santa Maria, 10 de julho 2018.

RESUMO

A ERA DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL E SUAS RELAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Autor: Lucas Rodrigues Vieira

Orientadora: Maristela da Silva Souza

O Brasil vive uma década de envolvimento com a realização de grandes eventos esportivos (megaeven-tos). A partir desse contexto direcionaremos a discussão de forma dialética em torno dos Jogos RIO 2016 e Copa do Mundo FIFA 2014, identificando as estreitas relações destes eventos com a educação física escolar. Para tanto, nos aproximaremos de autores, produções de conhecimento e extratos notici-osos que trataram estes acontecimentos de forma crítica a fim de contribuir com a discussão desse fenômeno esportivo referenciado nas Olimpíadas e a Copa Do Mundo de Futebol como os maiores megae-ventos esportivo. A descrição dos meios, as ilustrações dos traços embaraços do esporte moderno e as contradições irão nos fornecer de elementos para as discussões presente neste estudo. Portanto, a inves-tigação se propõe compreender e situar estes acontecimentos dos megaeventos esportivos em solo bra-sileiro, diante da lógica capitalista em que está inserido, os elementos para uma análise onde estima-se problematizar os megaeventos e a educação física escolar, traçando possibilidades para se pensar e com-preender o papel da educação física na escola tendo como modelo de esporte disputado nestas grandes competições esportivas.

Palavras-chave: Megaeventos esportivos. Esporte. Educação Física Escolar. RIO 2016. Copa do Mundo 2014.

ABSTRACT

THE ERA OF SPORTIVE MEGAEVENTURES IN BRAZIL AND ITS RELATIONSHIPS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

Author: Lucas Rodrigues Vieira

Advisor: Maristela da Silva Souza

Brazil is living a decade of involvement with major sporting events (mega-events). In this context, we will direct the discussion in a dialectical way around the RIO 2016 and 2014 FIFA World Cup games, identifying the close relationships of these events with the school physical education. However, we will approach authors, critical productions and news extracts who have treated these events critically, to the point of contributing to the discussion of this sport phenomenon referenced in the Olympics as the largest mega-sport event. Description of scenarios, the illustrations of the traits and embarrassments of modern sport and its contradictions will supply us with elements for the discussions present in this study. There-fore, the research proposes to understand and situate these events of mega-sport events in Brazilian soil, in view of the capitalist logic in which it is inserted, the elements for an analysis where it is estimated to problematize the mega-events and the physical school education, tracing possibilities for it is possible to think about and understand the role of physical education in school having as a model of sports played in these major sports competitions.

Keywords: Sports mega events. Sport. School Physical Education. RIO 2016. WORLD CUP 2014.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVOS	11
2.1 Geral.....	11
2.2 Específico.....	11
3. JUSTIFICATIVA	11
4. METODOLOGIA	12
5. ANÁLISES TEÓRICAS	13
5.1 Megaeventos esportivos e sua relação com o Brasil	13
5.2 Educação Física Escolar e os megaeventos	20
6. CONCLUSÃO	26
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

As Olimpíadas e Paraolimpíadas do Rio 2016 encerram um ciclo de megaeventos esportivos no Brasil que de fato não aconteceram por coincidência, este período de uma década, “a década de ouro do esporte brasileiro”, como definem as autoridades esportivas do país, demarcam uma passagem histórica para o esporte brasileiro, primeira Olimpíada da Era Moderna no continente Sul-americano. O Brasil vem respirando ares dos megaeventos esportivos a partir do seu envolvimento com a realização destes grandes eventos. A nível internacional, ocorreram os eventos: Pan e Parapan-americanos Rio 2007, Jogos Mundiais Militares 2011 e Jogos Olímpicos e Paraolímpicos 2016, todos estes realizados na cidade do Rio de Janeiro. Já a Copa das Confederações 2013 e Copa do Mundo de Futebol 2014 contou com a participação de 12 cidades brasileiras sendo sede do maior certame do futebol mundial. Todos estes eventos fazem parte de uma lógica sistêmica do esporte moderno em que os megaeventos esportivos são a maior expressão. Segundo Brasil “as copas as olimpíadas monopolizaram os esportes e criaram um modelo de acumulação de capital que gira em torno da exclusividade dos direitos de imagem sobre os astros do esporte, atletas mercadorias e clubes empresas se tornaram o alvo das multinacionais que buscam publicidade e o alcance de novos mercados” (BRASIL 2015, p. 67)

Os eventos citados acima são dirigidos pelas principais federações, confederações contanto com o apoio de patrocinadores nacionais e internacionais, demarcando que o esporte em sua essência de manifestação cultural foi transformado em mercadoria, papel que advém destas instituições esportivas que em seu surgimento representavam setores da burguesia e aristocracia da sociedade, que detém formas de acumulação de capital e, juntamente a esse sistema instaurou-se a dicotomia do profissionalismo x amadorismo no campo esportivo. Nem sempre foi assim, as grandes competições esportivas em seu surgimento tinham como raiz atletas amadores, os Jogos Olímpicos da Era Moderna tinham uma filosofia bem definida entre a disputa. Para Menezes e Sanfelise o Olimpismo é “a filosofia que rege os Jogos Olímpicos da Era Moderna. A base do ideal Olímpico perpassa culturas, etnias, tornando-se uma proposta audaz do Barão Pierre de Coubertin.” (MENEZES; SANFELISE, 2014, p.1). Com o cursar da história os jogos não foram somente para enaltecer os recordes de: o mais forte, o mais rápido e o vitorioso. Com a presença de diversas nações se colocando em disputa durante o período de jogos, não demorou muito

para as ideologias e a promoção de modelos políticos de governo serviram de medida do sucesso ou insucesso na performance de seus atletas, sendo um confronto não-bélico em busca de potência e demonstração de poder mundial. A representatividade tornando-se fundamental para fortalecer a bandeira e mais tarde os patrocinadores. O aumento gradativo de países filiados as Federações e confederações organizativas criaram um lastro de referência à estas entidades que, com o crescimento aparelharam: regras, formação de técnicos, competições, profissionalização, calendário e desenvolvimento esportivo. Tais competições tomaram proporções exorbitantes no que diz respeito a aceitação e participação massiva do público, partindo a atingir novos patamares, nesse aspecto das instituições esportivas. Bratch (2005, p.117) afirma que “o aumento da velocidade (influenciado pelo presentismo enquanto valor assumido e presente em nossa cultura) da produção e do consumo de práticas esportivas, onde a "instituição" central é o próprio mercado ou a dinâmica do mercado”. A Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos da Era Moderna mantivera-se em ascensão, algumas ocasiões suas edições eram comprometidas pelos conflitos bélicos que ocorriam principalmente na Europa no século XX, porém, na atualidade são os dois maiores megaeventos esportivos.¹

Nesse sentido, tem-se nos Jogos Olímpicos o maior evento esportivo contemporâneo. Segundo Menezes e Sanfelise (2014) “em cem anos passou da prática e da organização incipiente à atividade profissional com imensos recursos tecnológicos e um destaque imensurável na indústria do entretenimento e do lazer”. Conforme a afirmação das parcerias capitalistas corporativas, confederações x grandes empresários, emponderaram-se na década de 1990, tais competições obtendo um novo formato e novas questões contratuais. As Copas dos EUA (1994) e as Olimpíadas de Barcelona (1992), o que para muitos autores foi o grande marco do esporte, a espetacularização, o profissionalismo, desencadeou uma cadeia produtiva industrial de diversos segmentos de produtos e serviços estratégicos para a expansão do capital, regida sob a ordem econômica mundial.

¹“A Copa do Mundo, de 2014, no Brasil. Foram 3,2 bilhões de espectadores ao longo da disputa... A estimativa é que 280 milhões assistiram aos 64 jogos pela internet” Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/12/fifa-divulga-numeros-de-audiencia-da-copa-de-2014-mais-de-1-bi-na-final.html> Acesso em: 02.abr.2018.

Colombo afirma que “empresas de marketing, de produtos de materiais esportivos, da construção civil, dos meios de comunicação, dentre outras, compõem, em relação di-alética, um importante campo de produção de mais-valia” (COLOMBO 2015, p.6). A mercantilização esportiva associada aos grandes megaeventos esportivos impulsiona a padronização do esporte, o condiciona centralizado pelas empresas/entidades esportivas (*COI, COB, FIFA, IAAF, FIVB* entre outras...), onde no ideário deste esporte, é o espetáculo, criado pelas competições que se encontram os megaeventos esportivos atribuindo um sentido, uma tendência e entendimento de esporte moderno, em consequência desfi-gurando sua prática com a alienação do consumo:

Essa mercantilização que acontece no esporte é decorrente de alguns fatores, entre eles a propagação e a abrangência dos meios de comunicação em massa, subsequentemente ao surgimento da indústria do entretenimento. Ou seja, um conjunto de ideias interligadas: a cultura, a política, a economia, o direito, a história, a religião, entre outros, itens que serviram como fonte inspiradora para Pierre de Coubertin explicitar sua ideia de organizar um evento esportivo (apresentado hoje como Olimpíadas Modernas). (LIMA; MARTINS; CA-PRARO, 2009, p.2.).

Neste contexto, a discussão relacionada com os megaeventos e seus legados advindos do desenvolvimento e do envolvimento da sociedade brasileira é corrente. O país sede é envolvido em uma sucessão de políticas públicas em várias áreas sociais, ao qual reforçam a ideia de que os megaeventos esportivos poderão contribuir na realidade da população ao torná-la uma expectora e consumidora destes jogos, sem ser ao menos consultada. No entanto, ao debatermos esta temática neste estudo, nos aproximaremos da realidade escolar, veremos os respingos ou melhor dizendo, a vertente dos megaeventos esportivos na escola, especificamente na Educação Física, que ao tratar de seu objeto de estudo, a cultural corporal, tem como conteúdo hegemônico o esporte. Para Kunz (1994) baseia-se como, o esporte como conteúdo hegemônico impede o desenvolvimento de objetivos mais amplos para a educação física, como o sentido expressivo, criativo e comunicativo. Influindo no processo de ensino-aprendizagem ao legitimar este modelo de esporte para as práticas dentro das aulas, sem ao menos trazer um movimento de reflexão aos alunos.

Portanto, este estudo apresenta o seguinte problema de pesquisa: Como a era dos megaeventos esportivos, no Brasil, estabelecem possibilidades para se pensar e discutir o

esporte como prática e proposta pedagógica da Educação Física escolar. Para tanto, pretendeu-se consultar documentos institucionais e produções críticas de autores que problematizaram o papel que o esporte moderno têm colocado numa ordem social e educacional, veremos as interfaces ao atingir a educação física numa perspectiva dialética no qual este período está sendo chamado de "Tsunami esportivo" (BRASIL, 2009, p.1). Em decorrência dessa perenidade esportiva, levando em evidência os megaeventos esportivos e partindo da base dessa pirâmide fundamentalmente a Educação Física Escolar vive um contraste em meio a esta série de fatos.

A precarização da educação pública e a retirada de direitos sociais fundamentais para os trabalhadores/as e juventude vem alavancando as lutas pela educação, a precarização do trabalho docente é agravante colocando a classe a um período de defesa nas ruas, pelos seus direitos e não só por eles, mas ainda pela escola 100% pública. Os avanços e derrotas da classe dão no mínimo um alento na busca pela dignidade destes trabalhadores/as da educação, colocando-se em movimento de resistência contra os pacotes de austeridade apresentadas como “alternativa” pelos governos da esfera estadual e federal, diante da crise econômica e política que se encontra na conjuntura nacional, os constantes ataques no orçamento da educação pública brasileira que foram do ensino básico ao ensino superior. No auge desta crise, no ano de 2015 as políticas de ajuste fiscal diminuíram os investimentos, antes do golpe, quando o lema do governo Dilma (PT) era a “Pátria Educadora.”² Após o golpe parlamentar, o governo impopular de Michel Temer (PMDB) seguiu como esperado, o mesmo caminho apoiado por este mesmo governo e a bancada da Câmara e Senado federal, onde aprovaram a Proposta de Emenda à Constituição n° 55 de 2016 – a PEC do teto dos gastos públicos, congelamento dos investimentos em políticas públicas nas áreas sociais³ mais essenciais para a população como saúde, educação, segurança pública, transporte público, programas sociais e moradia.⁴

² O MEC (Ministério da Educação) perdeu R\$ 10,5 bilhões, ou 10% do orçamento”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/01/02/educacao-perde-r-105-bi-em-2015.htm? acesso em 02.abr.2018>.

³ O Ministério da Educação (MEC) teve um dos maiores cortes: R\$ 4,3 bilhões. Disponível em: <http://www.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=8734 acesso em 02.abr.2018>.

⁴ “... há despesas primárias para cada um dos três Poderes, do Ministério Público da União e da Defensoria Pública da União.” Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/127337>. Acesso em 02.abr.2018.

O “país Olímpico” ofereceu à toda comunidade escolar salários atrasados e parcelados, constantes ataques ao plano de carreira dos funcionários e educadores, escolas sem estrutura, falta de merenda para os alunos e ausência de materiais didáticos para o desenvolvimento das aulas. São velhos problemas que não resolvidos retornam e permanecem colocando na berlinda a educação pública, um projeto estratégico e sistêmico de educação precária nas instituições públicas que propõe como saída a privatização do sistema de ensino. Ao meio da Educação Física escolar, as práticas corporais estão comprometidas, sem ao menos uma quadra ou espaço físico adequado para a realização das aulas. No entanto, por todo esse tempo o projeto que vem se desenvolvendo no Brasil é o dos megaeventos esportivos, que se apresenta no cotidiano dos alunos como o conhecimento do esporte e da educação física, dentro de um ideário do esporte espetáculo, representado nos megaeventos, onde estarão direcionados principalmente a Copa Do Mundo FIFA 2014 e as Olimpíadas Rio 2016.

Em meio a este turbilhão, as manifestações de junho de 2013 ocorridas durante a Copa das Confederações, outro megaevento esportivo realizado no Brasil, colocaram as atenções do mundo para as reivindicações que surgiram das ruas em solo brasileiro, como algo iminente e questionador da conjuntura política em que vivíamos. Os primeiros movimentos foram contra o aumento abusivo da tarifa do transporte público em São Paulo, em que se desencadeou revoltas e mobilizações nacionais contra a corrupção escancarada e os altos custos com a Copa do Mundo de Futebol 2014, uma guinada na realidade em que o país se encontrava, e sim, o esporte tornou-se discussão carregada de pautas, lutas e reivindicações sociais e políticas, indagando toda esta lógica em que se encontram os megaeventos em meio ao caos das condições de vida dos brasileiros, o que ficou demarcado como as “jornadas de junho” nas ruas dos 27 estados brasileiros em junho de 2013 ecoando uma revolta com marchas e gritos:

“Enquanto te exploram tu grita gol!”; “Queremos hospitais padrão FIFA”; “Es-tude essa é a sua única chance, e “eles” tem medo disso”; “Não atirem em nossos olhos! Precisamos deles para vermos o país que vamos mudar”; “Pro-fessor, eu desejo a você o salário de um deputado e o prestígio de um jogador de futebol”; “Abaixa a tarifa! Põem na conta da FIFA!”. Eles refletem a maneira como, no espaço urbano das ruas, houve uma forma de apelação e apresentação às diferentes insatisfações. Ao mesmo tempo em que se materializava o eco do descontentamento da maioria, houve a possibilidade de um mapeamento/leitura prévio daquilo que adquiria relevo momentaneamente. (BELLI-NASO, 2013, p. 25)

O “melhorismo” representado nos governos Lula (2002 a 2010) e Dilma (2011 a 2016) - PT não tinham resolvido os problemas estruturais da população brasileira, eles ainda persistiam, ainda que parte dela acredita no projeto petista de conciliação de classes e de humanização do capitalismo brasileiro ao qual os megaeventos foi a “cereja do bolo”. Sendo assim, as colisões tendem a aparecer, já que a crise financeira que assola o Brasil não comprometeu a realização destes megaeventos. Os ajustes fiscais e as reformas políticas caem sobre as costas dos trabalhadores brasileiros, defasando as políticas públicas, cortando financeiramente, estruturalmente e corroendo por dentro os direitos sociais do povo brasileiro, um aumento no custo de vida, nas condições básicas de sobrevivência, no mesmo sentido também na precarização dos serviços públicos essenciais para a população, em que a educação se encontra sendo alvo de uma quebra articulada de sua função e pensamento crítico. Para Penna (2011, p. 288) é um reflexo do “caráter disciplinador do esporte agindo sutilmente, porém, com extrema eficácia, na medida em que é ajustado pelas necessidades de manutenção e de legitimidade da dispersão da consciência de classe”. Com tamanho envolvimento, e para além dos posicionamentos midiáticos e meios oficiais institucionalizados, os megaeventos possuem um importante papel ao pro-tagonizar definições para o sentido do esporte, tanto quanto como seu desenvolvimento na escola.

O esporte como fenômeno sociocultural destacado por Kunz, em uma perspectiva fenomenológica, classifica em três níveis suas estruturas representativas, sendo uma delas a “representação da imagem midiática, isto é, da formação de significados e parâmetros de agir no e pelo esporte a partir da imagem fornecida pela mídia.” (KUNZ, 2000, p.1) A nova ordem mundial reposiciona o fluxo das informações esportivas e permite o ingresso denso de padrões, juízos, comportamentos e formatações em tudo aquilo que envolve o fenômeno esportivo.

Neste contexto, a seguinte pesquisa se propõe compreender e oferecer elementos para uma análise relacionada com a realização dos megaeventos esportivos – Copa Do Mundo FIFA 2014 e Olimpíadas RIO 2016. Baseado em um exercício de análise que recobre as produções críticas produzidas por autores que discutem a temática, no que se refere à tensão estabelecida para se compreender os elementos determinantes ao se pensar e discutir o esporte como prática e proposta pedagógica da Educação Física na Escola, na era dos megaeventos esportivos no Brasil.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral:

Descrever as condições que se desenvolveram perante a realização dos megaeventos, seus desdobramentos para o país e conseqüentemente para a educação física escolar.

2.2 Objetivos Específicos:

- compreender a realização dos megaeventos esportivos e a produção crítica de autores que discutam esta temática, estabelecendo um diálogo para pensar e analisar o esporte como prática e qual o papel da Educação Física na Escola;
- compreender a produção de sentido e valores para o esporte e a educação física escolar, intenções e intervenções na prática pedagógica.

3. JUSTIFICATIVA

Os megaeventos esportivos estão propícios a uma série de acontecimentos, em que antes, durante e pós os eventos ocorrem um dinamismo a cerca destes fatos, desta história necessitamos saber e assumir o importante movimento de reflexão. Nós enquanto professores de educação física, precisamos discutir e repensar o caráter que o esporte assume ao estar presente no chão da escola, nas aulas de educação física. Distinguir nesta cultura seus aspectos preponderantes à era dos megaeventos, por este reunir condições dominantes sobre um dos mais importantes objetos de estudo da educação física, o esporte, “enquanto uma prática pedagógica que trata dos elementos da cultura corporal” (COLETIVO DE AUTORES, 2005) que se enraízam na Educação Física escolar.

A partir disso, estará difundida na lógica dos megaeventos uma passagem histórica do esporte e a Educação Física brasileira, como alegam os autores Silva, Borges e Almeida (2015) “ao priorizar o esporte de alto rendimento, a instituição subsumiu a proposta da Constituição Federal Brasileira de 1988, de garantia do lazer como direito social e prioridade de promoção do esporte educacional, conforme inciso II, do artigo 217”. A própria Educação Física como campo de pesquisa volta-se aos seus estudos como priori

desta performance de rendimento servindo aos megaeventos, o esporte educacional cai no interesse das instituições por que não serve ao valor econômico, nunca deverá servir.

Porém carecerá se erguer sob a crítica e alternativas que a Educação Física escolar irá produzir diante das teorias que defendem a continuidade de garantia de direito ao acesso e democratização de espaços de aprendizagem do fenômeno esportivo. A educação física escolar irá competir perante as mídias, que servirão de entretenimento, ao parlamento que servirá de afirmação ao abarcar-se nas políticas públicas sociais brasileiras dando recursos financeiros e legais, incorporando-se em formato de esporte espetáculo, dando vazão aos interesses capitalistas dos megaeventos esportivos. Institucionalmente agrega-se funções, definições de conceitos e conteúdos para a educação física escolar, contudo, cooptaram a educação física escolar para assumir o papel de rendimento, quando ao objetiva-lo para a formação e captação de atletas. Ainda e sempre haverá tempo para compreender este processo e intervir na sua transformação, tudo isso passa pelas produções críticas e de leituras da realidade que permitam analisar e colocar contrapontos e expor as contradições do sistema esportivo, como para além, situar o esporte e a educação física no marco de transformação da sociedade, tentando contribuir à um novo encami-nhamento às novas gerações que irão de encontro a atual ordem denominada pelos setores da burguesia, que dirige seus interesses e formula padrões, limita os espaços de aprendi-zagem e formação humana.

Por entender a presença dos grandes eventos esportivos, a educação física irá dis-correr através de seus pesquisadores e estudos como concretizou este período, de passos largos do esporte espetáculo em solo brasileiro. Objetiva-se com a apresentação da dis-cussão de forma dialética podem elucidar os elementos que cercam esta temática, para tentar descrever e fazer a leitura correta dos cenários, dos megaeventos esportivos à Edu-cação Física Escolar.

4. METODOLOGIA

A partir da teoria do materialismo histórico dialético iremos fundamentar o nosso estudo, apresentando uma relação dialética entre os megaeventos e a educação física na escola. Nesse processo, portanto, utilizamos das categorias “megaeventos espor-tivos”; “educação física”; “escola”.

Este estudo se define enquanto teórico, em que iremos, a partir da produção existente sobre megaeventos, ao longo da última década em que vivemos, no Brasil, o cenário dos megaeventos esportivos, analisar como a produção crítica sobre os megaeventos esportivos estabelece possibilidades para pensar e discutir a nossa prática e proposta pedagógica da Educação Física na Escola.

Em um primeiro momento, discutiremos os megaeventos esportivos e a sua contextualização no cenário econômico mundial. Em um segundo momento, a educação Física escolar, para que, em um terceiro momento, consigamos realizar as nossas sínteses sobre a nossa problemática de estudo.

5. ANÁLISES TEÓRICAS

Para discorrer sobre os megaeventos esportivos, com ênfase na Copa Do Mundo de Futebol FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos RIO 2016 e assim no exercício de localizá-lo, nos debruçaremos em produções científicas e traçaremos um breve mas não menos importante diálogo com estes autores, que ao capitalizarem elementos que nos possibilite vislumbrar o esporte dentro da ideologia dominante e a hegemonia econômica do capitalismo, nas relações que possuem e numa ordem mundial.

5.1 Megaeventos Esportivos e sua relação com o Brasil

Em um período mais recente da história esportiva podemos localizar o surgimento dos megaeventos esportivos como um espetáculo do esporte contemporâneo, a nível mundial é sua forma mais avançada de competições esportivas. No entanto, “megaevento esportivo”, logo vem a ideia, uma imagem ilustrativa de um grande evento na casa dos milhões/bilhões de espectadores, segundo Tavares (2011) “o emprego generalizado de um termo ou expressão pode significar uma compreensão igualmente generalizada do que ele quer dizer”.

No senso comum, o termo “megaevento”, tem sido genericamente empregado como um sinônimo de grandes competições esportivas, daí porque frequentemente ele aparece adjetivado como esportivo”. Tavares, questiona, em seu texto “Megaeventos esportivos” se a generalização do termo automaticamente define a compreensão do que ele quer dizer, ainda destaca a ausência de pesquisas sobre o termo “megaevento”, propriamente dito, porém, o mesmo vem sendo utilizado com mais frequência após os anos 2000.

Acreditamos que se associa a este termo, o que na mídia dele se propaga e por consequência o conceitua. Mas para que lado está jogando os megaeventos esportivos? Os encontros regionais e nacionais do movimento estudantil de educação física (também em outras áreas), semanas acadêmica, grupos de estudos e produções científicas vêm acompanhando a sua desastrosa trajetória, de impactos sociais e econômicos, principalmente aos países de cidades sedes. Por que não, considerar o “megaevento esportivo” um fenômeno em decorrência do estágio em que o esporte alcançou atualmente? Nesse caso o esporte espetáculo que está equação se encontra diante da lógica capitalista, onde pode lucrar-se com ele, a partir da sua mercantilização.

A partir do século XXI, o modelo de megaevento esportivo (*GP de F1, Jogos Olímpicos de Inverno, NBA, Nascar, Us Open, UFC 147...*) vêm se consolidando com traços de marcos históricos, tal como então à outros megaeventos que advém da indústria cultural e do entretenimento (*Rock in Rio; Carnaval ; Premiação do Oscar, Grammy Awards, Oktoberfest, Tomorrowland...*) aliás possuem muitas semelhanças em ambos: aspectos organizativos, estéticos, midiaticização e até os altos custos dos ingressos para se assistir ou participar destes grandes eventos, afastando milhões de pessoas que não atendem os requisitos para esta elitização.

A partir dessa potencialização do esporte à diversos segmentos para além do esportivo, imergem uma série de garantias contratuais elaboradas pelas principais Federações esportivas, como ilustração para tal blindagem política e modelo de acúmulo da maior federação internacional esportiva, a FIFA, pelo seu próprio Comitê Executivo aos governos sedes da Copa do Mundo de Futebol, dando suporte financeiro, organizacional e de estrutura ao seu grande megaevento:

Elas são, portanto, essenciais para garantir o direito de propriedade da FIFA de beneficiar-se do evento principal em várias frentes: garantir que todos os direitos “exclusivos” da FIFA (e aqueles de suas empresas parceiras) sejam legalmente reconhecidos e obrigatórios no país-sede; garantir atividades comerciais da FIFA (e seus parceiros) recebam *status* e tratamento preferencial em relação a negócios e impostos; garantir que todos os custos de exigência de infraestrutura fiquem a cargo do governo sede por todos os riscos reais e potenciais e por todas as reclamações; garantir que os líderes da FIFA sejam efetivamente tratados como chefes de estado em visita. (McKinley, 2011, p. 64).

Tornaram o esporte em um megaevento, atraído pela disputa, pela performance, pelas parcerias firmadas entre grandes empresários e instituições esportivas com consonâncias em seus interesses financeiros, cooptaram os conceitos esportivos e seu desenvolvimento, baseados na lógica capitalista e acumulação de lucro a cerca das competições esportivas, como traz a cena para tal modelo o pesquisador sul-africano Dale T. McKinley em um de seus textos “FIFA e o complexo desportivo de acumulação”, que ressaltou sobre o futebol, o mais popular de todos os esportes, com a criação da nova corporação de *marketing esportivo*, a ISL (*International Sports and Leisure*) após a eleição do novo presidente João Havelange no congresso da FIFA de 1974, com todo suporte financeiro da candidatura do brasileiro foi o principal empresário da corporação, Dassler (principal executivo de esportes da ADIDAS). De acordo com McKinley

O retorno foi quase que imediato, para ambos os lados. Dassler, juntamente com o mago britânico do *marketing* Patrick Nallye o extraordinário empresário francês André Guelfi, criaram uma corporação de *marketing esportivo*, a ISL. Não foi surpresa quando o novo presidente da FIFA, Havelange, não perdeu tempo em fazer com que a FIFA garantisse direitos exclusivos de marketing à ISL para a Copa do Mundo. A ISL conseguiu também, em pouco tempo, garantir também tais direitos para as Olimpíadas e para o Campeonato Mundial de Atletismo. Assim que a ISL conseguiu persuadir a Coca-Cola a embarcar como “patrocinador” (com uma robusta contribuição de entrada), uma série de empresas começaram a “querer uma participação”. Em um piscar de olhos históricos, a privatização em larga escala do jogo de futebol havia sido concretizada. (MCKINLEY, 2014, p.58)

O que se evidenciou como um dos pontos primordiais de progressão e consolidação dos megaeventos esportivos assentam-se nas parcerias de grandes empresários de diversos ramos da indústria e instituições esportivas que inerentes ao capitalismo corporativista conseguem imperar de forma arbitrária e absurda. Segundo McKinley (2014) os direitos de transmissão dos jogos da Copa do Mundo de Futebol até 1994 eram feitas para um consórcio de TV Mundial de transmissoras públicas, a ISL vendo que estas empresas de TV estavam obtendo enormes lucros por comprar a preços baixos os direitos de transmissão e vender os anúncios por preços elevados. As novas concessões e negociações mudam o “jogo”, o estatuto da FIFA tem uma mudança que garante à seus membros e Confederações sendo proprietários de todos direitos das competições e outros eventos realizados pelos mesmos, incluindo direitos financeiros e todo o material de mídia produzido nestes eventos. Sendo assim, a FIFA cancelou todos os contratos com as emissoras públicas e as revendeu para corporações privadas, onde as emissoras públicas teriam que comprar os direitos por um preço exorbitante dos parceiros privados.

Este ponto é determinante e disseminador para os megaeventos, é a espetacularização através do desenvolvimento dos meios de comunicação em larga escala proporcionando os recordes em audiência. Segundo Colombo:

“os investimentos nesses eventos geram acumulação de capital, à medida que a dinâmica de distribuição (circulação) do produto – megaeventos – quebra a barreira do espaço pelo tempo de transmissão e, conseqüentemente, produz e consome a mercadoria de forma concomitante”. (COLOMBO, 2015, p. 9)

Dessa forma, as diversas plataformas midiáticas dão dinâmica a este mercado nas transmissões ao vivo e simultâneas em todo o mundo, atingindo as massas e sendo um espaço atraente as campanhas publicitárias dos diversos segmentos, empreendimentos de produtos e serviços esportivos ou não, que ao propagandear, apropriam-se do esporte inclinando seus negócios e manipulando o fenômeno esportivo, até mesmo escalando jogadores nas seleções nacionais de futebol, dando vazão para uma nova realidade. Para Bracth (2005, p. 118) “a realidade é organizada de uma nova forma; elementos do real são combinados com produtos não reais como a fantasia, o sonho e ficções”.

O Brasil na condição de país sede, torna-se o celeiro de negócios, entra no jogo e afina sua política esportiva enfatizada nos megaeventos esportivos sob tais circunstâncias de financiamento e garantias. Essas relações ficam evidentes ao longo desses 10 anos de dos megaeventos esportivos por aqui, os investimentos públicos ultrapassaram de forma exacerbada os valores de seu orçamento inicial em várias das obras de estruturas esportivas. De acordo com De Paula (2015) o Portal da Transparência do governo federal, a copa custou aos cofres públicos R\$ 27.42 bi, a maioria em fundos públicos e cerca de 500% a mais do que a previsão inicial realizada pelo governo, de R\$ 5,6 bi. Inclusive, foram apontadas falhas nos projetos básicos para as obras urbanas e nas novas arenas, o Ministério Público das cidades-sedes apontaram uma série de equívocos frente as obras destinadas a Copa 2014. As grandes empreiteiras da construção civil foram as grandes contempladas para os contratos milionários ao qual adquiriram à serviço do esporte espetáculo. Hoje podemos afirmar após fim do mundial de futebol que várias destas construções ainda não estão prontas para a população, virando um grande canteiro de obras inacabadas. Entre as empreiteiras: Odebrecht, Camargo Correa, OAS e Andrade Gutierrez, grandes parceiras e financiadoras de vários das campanhas eleitorais de partidos políticos,

aliados em doar e receber contratos e privilégios no país, regendo e sustentado as bases governamentais,

percebemos a trama de negócios envolvendo os governos brasileiros com as grandes construtoras, algo que remonta uma história desde a segunda metade do século passado e que se fortaleceu com o processo de industrialização do país, das construções dos grandes centros urbanos e das empresas que sustentariam este modelo de desenvolvimento. Vale ressaltar que a atuação dos monopólios da construção civil se deu a partir da formação de cartéis, e da prática de conluio nas licitações. (BRASIL, 2015, p. 84).

Entre tantas destas obras os chamamos de “legados”, que altamente referenciados na mídia brasileira, nos discursos, documentos institucionais e dossiês de candidatura partem com justificativa da realização dos megaeventos no país, ao trazer desenvolvimento para os grandes centros urbanos e para a sociedade brasileira, para além do âmbito esportivo, porém, foi na verdade uma grande conversa fiada para tentar nos convencer da face positiva dos bilhões dos cofres públicos investidos que retornariam com melhorias estruturais nos centros urbanos, as promessas de altos picos na economia, através do surgimento de novos empregos diretos e indiretos, turismos nas cidades brasileiras, com o intuito de colocar o Brasil em um novo patamar socioeconômico de sua história, na superação da crise financeira mundial que afetava a Europa e EUA, centros do capitalismo mundial. O Brasil enquanto periferia desse globo, entrava neste jogo com sua economia emergente e já subordinada aos grandes monopólios mundiais.

No entanto, as consequências aparentes para as cidades brasileiras foram alarmantes, estima-se a Articulação Nacional Dos Comitês da Copa (Ancop) que mais de 250 mil pessoas somente nas 12 cidades-sedes na Copa do Mundo de 2014 foram removidas de suas casas e terrenos em detrimento de obras para a construção de vias expressas, um agravamento de um problema social não resolvido, um problema histórico que está longe de ser solucionado porém, agora se abriu roubos maiores ainda, de desabrigados, as remoções truculentas deixaram estas famílias sob a margem da pobreza. O valor inicial das desapropriações muito abaixo em relação aos gastos das famílias para uma moradia temporária, indenizações quando devidamente contemplada não efetua o pagamento previamente antecipado aos moradores que deixaram suas casas ou os reassentamentos são destinados aos cantos da cidade. De outro lado, gera negócios, aquece os novos projetos da

especulação imobiliária. De Paula (2015, p. 25) afirma que “A Copa do Mundo criou a desculpa perfeita para remover “os indesejáveis” de áreas cobiçadas pela iniciativa privada e que sem esse incentivo seria bastante difícil sua retirada”, demarcando, assim, “o resgate da concepção higienista, presente no Brasil desde o final do século XIX, início do século XX, em nome do desenvolvimento urbano e da ordem social”. (PENNA, 2011, p. 217). Penna destacada ainda que

O mote desta concepção se fundamenta na necessária adequação das cidades sede da Copa de 2014 e nos Jogos Olímpicos 2016 à modernidade, em troca dos supostos benefícios trazidos à cidade. Dizemos supostamente, tendo em vista que os benefícios, quando ocorre, têm por endereço as grandes empreiteiras, a especulação imobiliária, e o setor de serviços em modo geral. Todos estes se recursos públicos aplicados para a reforma e a construção da infraestrutura urbana. Extraem mais-valor do novo aparato urbano que privilegiam às concessionárias públicas, de transporte, comunicação, limpeza urbana, saneamento cujo o primeiro impacto sobre os trabalhadores é o aumento da tarifa destes serviços públicos essenciais. Aumento que pouco são notados pela pequena e média burguesia, que estes já fazem parte da parcela beneficiada pela modernização destes serviços. (PENNA, p. 214).

Já nas Olimpíadas Rio 2016, os voluntários olímpicos cuja uma parcela expressiva constituída de professores e estudantes de Educação Física, em torno de 50 mil pessoas de todo o mundo acreditaram na missão Olímpica em que estavam exercendo como grande legado para suas vidas, porém, 30% deste total não compareceram ou então abandonou suas funções, entre os motivos de descaso para com eles, em matéria publicada pelos site Terra⁵ em entrevista com alguns voluntários foram constatados seguintes situações: jornadas de 9 horas de trabalho e obrigados a cumprir horas extras em duas semanas de ardo trabalho, confusão organizativa nas escalas de horários, arcar com despesas de transporte e alimentação, já que em troca era oferecido apenas uma pequena refeição diária (*fast-food*) .

Um total abuso aferido aos empenhados profissionais voluntários, o que antes era o voluntário Olímpico assumido por membros de associações (escoteiros, por exemplo) nas primeiras Olimpíadas, foi-se também de iniciativa individual por outros membros, agora é um programa incorporado pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) que vê po-

5 Disponível em: <https://esportes.terra.com.br/jogos-olimpicos/2016/hora-extra-e-comida-fraca-voluntarios-abandonam-a-rio-2016,66200bd454a9ef9b58b12269ae14e2054hdhjics.html>. Acesso em 07.set.2017.

sitivamente sob olhos da economia de gastos com trabalhadores para determinadas funções porém, uma maior e aberta exploração destes voluntários/trabalhadores, o qual CREF/CONFED (Conselho Regional de Educação Física e Conselho Nacional de Educação Física) propõe como uma grande oportunidade e experiência profissional. Esta desistência dos voluntários faz parte da ilusão e sedução da participação, mas a lógica por traz só revela as relações de trabalho já existentes, a da superexploração. Os trabalhadores terceirizados (entre muitos temporários) de empresas que prestam serviços específicos e gerais das Olimpíadas do Rio 2016 também estavam submetidos a tais relações, os quais eram designados a 12 horas extenuantes de trabalho, sem direito a bonificação ou alimentação digna para suportar tal carga. Em condições bem adversas e severas estavam os trabalhadores da construção civil, a exemplo disso na Copa 2014 foram inúmeras reivindicações e greves, entre as pautas: melhores condições de trabalho, reajuste salarial, assistência médica e alimentação. O balanço, segundo De Paula (2015, p. 10) “para cumprir os prazos decidiu-se estender os trabalhos até a noite, acarretando maior número de horas extras. Em relação às mortes até agora os parentes das vítimas não receberam indenização e estão em negociação com as empresas responsáveis pelas obras”. Mortes de trabalhadores? Sim, houveram mortes de trabalhadores e não foram poucas, três mortes na construção da Arena Corinthians/São Paulo, três mortes na Arena Amazônia/Manaus, uma morte na Arena Nacional/Brasília e mais uma morte a Arena Pantanal/Cuiabá. No Rio de Janeiro, nas obras consideradas “Olímpicas”, contabilizaram onze mortes de trabalhadores da construção civil de 2013 a março de 2016. Como mostra no quadro abaixo:

LOCAL	MORTES
LINHA 4 DO METRÔ	3
ENTORNO DO PARQUE OLÍMPICO	2
MUSEU DO AMANHÃ	1
ELEVADO DO JOÁ	1
TRANSOLÍMPICA	1
NOVA SUBIDA DA SERRA	1

SUPERVIA	1
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM	1

Fonte: Superintendência Regional do Trabalho e Emprego-RJ. Acesso em: 24.fev.2018.

5.2 Educação Física escolar e os megaeventos

Os megaeventos esportivos se disseminam na escola, é um espaço de retroalimentação por estar contido de conceitos positivistas em relação aos megaeventos, mediante ao sentimento de euforia e orgulho nacional percorre o ambiente escolar especialmente em dias de jogos do Brasil, o livre arbitro para a dispensa dos alunos dos períodos de aula para assistirem os jogos da seleção brasileira de futebol na Copa 2014 (o que ocorre em todas as Copas), ou seja, a escola na sua forma organizativa molda-se para prestigiar e repercutir os megaeventos. Em épocas como esta, a educação física, é dada a tarefa de ecoar e desenvolver temáticas e saberes pertinentes à lógica deste esporte, Betti (2009, p.18) já afirmava essa condição: “ora, de modo algum é novidade dizer que a Educação Física responde e sempre respondeu às necessidades e interesses de cada espaço tempo/espaço histórico”. Dificilmente alguém não tenha presenciado em nossas experi-ências escolares, seja no ensino fundamental ou médio, trabalhos ou projeto interdiscipli-nares em que estavam ancorados em algum grande megaevento esportivo, principal-mente, Copa do Mundo FIFA ou Jogos Olímpicos para pesquisar aspectos culturais, ge-ográficos, esportivos, artísticos e entre outros sobre determinado continente ou país. É dada esta tarefa ao corpo docente, de manifestação e relevância, no entanto, vem carente de uma análise crítica dos acontecimentos sociais e políticos que impactam principal-mente o país e a(s) cidade(s) sede, uma outra parte da história que não nos é contada. Evidente que é difícil se distanciar ou ignorar estes fatos quando os mesmos pousam sob o chão da escola, é uma pauta mundial que invade as plataformas midiáticas, estabeleci-mentos comerciais, bairros e vilas enfim, entra porta à dentro de nossas casas. Ao mesmo tempo não há como negá-lo.

A partir disso, ações institucionalizadas entre educação e esporte ganham formas através de programas criados sob a perspectiva de movimento olímpico e paraolímpico. Brasil ressalta:

A orientação das políticas e ações desenvolvidas pelo ministério do esporte brasileiro e de que modo elas estão intimamente ligadas ao desenvolvimento de um modelo esportivo que se subordina as exigências dos grandes monopólios do futebol mundial, ou seja, o monopólio para se realizar deve estar ancorado em políticas públicas, de governo e de estado.” (BRASIL, 2015, p. 68).

Em 2003 foi criado o Ministério do Esporte o qual cercou-se de programas de esporte e lazer que ainda tinham um debate e caráter de acesso aos direitos sociais, garantidos na constituição de 1988, era o acesso e democratização do esporte, para isso, o PELC (Programa de Esporte e Lazer na Cidade) foi criado com uma gestão que rompia com a hegemonia do alto rendimento, atendia a necessidade que havia de políticas públicas sociais na demanda de esporte, recreação e lazer. Uma década depois o Ministério do Esporte amolda-se na agenda dos Grande Eventos que estariam para acontecer no Brasil. Para Silva; Amaral e Borges:

Apesar do aumento do orçamento total do Ministério do Esporte ficou evidente que esse orçamento foi direcionado para o esporte de rendimento, sobretudo para o Programa Esporte e Grandes Eventos Esportivos, que foi criado em 2012, e concentrou R\$ 2.278.383.576, dos R\$ 2.617.848.045 do orçamento previsto para o ano e R\$ 3.067.576.386 dos R\$ 3.382.609.335 do orçamento previsto para o ano de 2013. Dessa forma, ficou evidente que o incentivo ao esporte educacional e de participação foram minimizados ou quase extintos em detrimento do esporte de alto rendimento, sendo acrescido pela exclusão do PELC e do Programa Inclusão Social pelo Esporte, do orçamento previsto para o ano de 2012 e 2013. (SILVA, AMARAL, BORGES, 2015 p. 3)

A exemplo do “*Atleta na Escola*”⁶, programa de formação esportiva escolar iniciado em 2013, que objetiva incentivar a prática esportiva nas escolas, democratizar o acesso ao esporte, desenvolver e difundir valores olímpicos e paraolímpicos entre estudantes da educação básica, estimular a formação do atleta escolar e identificar e orientar jovens talentos. Diante disso, é notório ao que o sistema educacional lhe é atribuído funções de desenvolvimento do sistema esportivo para seu *feedback*, este acesso ao esporte é questionável já que o selecionamento é diretriz básica para a formação de equipes e/ou detecção de novos atletas, quando esta situação não se encontra com a realidade de “rendimento” na prática da educação física escolar. Associado a estes o crescimento do Programa Segundo Tempo (PST) apoiado pela ONU e surgimentos de novos, como

⁶Disponível em: <http://atletanaescola.mec.gov.br> acesso em 04.jun.2018.

o “Mais Educação” ambos citados no Dossiê de Candidatura Oficial da cidade do Rio de Janeiro cancelados pelo governo federal e considerados “legados” educacionais para a juventude. Houveram significativos investimentos do Governo Federal na aquisição de diversos materiais para as atividades que incluíam também modalidades esportivas (lutas, tênis de mesa, xadrez e etc) pouco ou nada praticadas no âmbito escolar, até mesmo fora dele, abordaram também aulas de reforço de algumas disciplinas (matemática, português e etc), atividades de recreação, dança, capoeira e música que, trouxeram um alento ao contexto dos alunos com a escola. Por conter novas e diversas manifestações culturais, esportivas e artísticas que acrescentaram uma amplitude de novas experiências e possibilidades de identificação na escola, em turno inverso.

Em 2015, como os cortes na educação vieram de forma pesada, os recursos que antes eram para 60 mil escolas do Brasil, passaram a contar com uma redução de 70% e já em 2018 o Programa Mais Educação deixa de existir. Antes mesmo da abertura das Olimpíadas RIO 2016 o programa de legado olímpico começa a perder força. Em paralelo, a espetacularização advinda dos megaeventos esportivos ao qual presenciamos na Copa Do Mundo de Futebol e/ou Jogos Olímpicos, mas entre tantos eventos esportivos de mesmo porte (*Grande Prêmio de F1, Grand Slan de Tênis, Champions League, NBA, NFC* outros...) ao atingirem em grande escala os estudantes da comunidade escolar, estes principalmente a juventude promissora e consumidora desta indústria esportiva, atendendo a necessidade do mercado com a fomentação de ídolos relacionados às marcas patrocinadoras, maiores beneficiadas desta ação, disputando espaço e imagens na mídia nos, altos picos de audiência, podemos acompanhar nas disputa por medalhas, principalmente nas olimpíadas RIO 2016, onde foram proclamados “heróis” nacionais. Para Bour-dieu,

o fato de a televisão nacional dar tanto espaço a um atleta ou prática esportiva torna-os capazes de satisfazer o orgulho nacional ou nacionalista, a representação televisiva, embora apareço como um simples registro, transforma a competição esportiva entre atletas originários de todo o universo em de um confronto de campeões (no sentido de combates devidamente delegados) de diferentes nações, torna-se um produto comercial que obedece à lógica do mercado e, portanto, deve ser concebido de maneira atingir e prender o mais duradouramente possível o público mais amplo. (BOURDIEU, 1996, p.124)

Esse montante de informações e consensos destes esportes praticado nos megaeventos, abalam as estruturas em que a Educação Física está construída a ponto de descaracterizá-la e justificá-la no âmbito pedagógico, qual tipo de esporte deve ser desenvolvido na escola, em que forma sintetizá-lo como conteúdo para as aulas de educação física? Em que dimensão ele será abordado? Lazer/participação, espetáculo/alto rendimento? Ou educacional? Muito se debate em torno disso nos espaços acadêmicos, grupos de estudo e formação de técnicos esportivos, por ser um fenômeno construído pela humanidade, nos coloca a pensar em torno de sua complexidade. Os megaeventos esportivos conseguem adquirir o que planejam, por deterem o formato mais plástico e tipificado da cultura esportiva encantando os olhos de quem o admira. Para as novas gerações será sempre um dos primeiros contatos mesmo que visual do jogo, dos esportes. Porém, já estão padronizados e condicionados na capacidade que eles têm de reunir os melhores atletas do mundo, seres capazes de lances espetaculares e, à primeira vista, inacreditáveis. Sim é o modelo, padrão “megaevento”, portanto nos condiz muito sobre a realidade da nossa sociedade, a competição esportiva é uma reflexão do nosso cotidiano, seja onde estiver, no âmbito da vida humana: no trânsito, no trabalho, na escola...haverá a controvérsia se baseada no rendimento de tudo que exercemos na vida.

As contradições vigentes na educação, de toda a desigualdade que pulam de dentro para fora e de fora para dentro dos muros da escola, o esporte é a identificação e realização pessoal, o trampolim dos sonhos dos jovens de tornarem-se profissionais e adentrarem ao pequeno e seleto setor de atletas de elite com carreiras bem-sucedidas e acumuladores de fortunas e fama. O conhecimento formal da escola é desacreditado, ainda que nos documentos institucionais em muitas de suas referências são ou deveriam ser para uma educação baseada na formação humana crítica e emancipatória, serão sempre boas referências, porém, passam batido na prática. Isto irá se aprofundar na medida em que direcionada as propostas de políticas esportivas e educacionais que a partir deste período de megaeventos esportivos arranjaram novamente a educação física na base desta pirâmide esportiva, no qual adquire potencial para a aquisição de novos talentos esportivos, ainda que inapropriado à realidade que encontra os espaços físicos dentro e fora da escola para a prática esportiva no qual poderiam ampliar as vivências e tendências naturais dos quatro esportes coletivos de quadra, tracionais na educação física escolar: futsal, handebol, basquete e vôlei ainda restrito a estas práticas corporais que cultivadas sob a aparência da

cultura hegemônica do futebol. Cogita-se a necessidade de identidade, justificativa, metodologia e didática da educação física na escola, que pressupõe o pensamento crítico e coletivo, dando qualidade a leitura desta realidade, se pensarmos os megaeventos por traz da cortina de fumaça que sustenta hoje o esporte capitalista, traríamos uma visão latente de superação deste esporte, no sentido que poderemos desenvolvê-lo a ponto de não estar somente iluminados pelos holofotes do espetáculo. Vislumbrar a realização destes eventos com tudo o que nele está contido, nas relações e impactos para a sociedade brasileira, equacionando o esporte, as suas aproximações no cotidiano dos alunos e nas aulas de educação física como ferramenta pedagógica. Bracht e Almeida (2013) defendem que

A retórica reedita um discurso a muito presente na Educação Física brasileira, qual seja, a retomada da ideia de pirâmide esportiva, subordinando, mais uma vez, o desporto escolar àquilo que é de interesse do esporte de alto rendimento, tornando perceptível o corte, já denunciado, da perda do projeto político pedagógico da Educação Física para o esporte de rendimento. Em outras palavras, a subordinação da Educação Física à política esportiva. (BRACHT; AL-MEIDA, 2013, p. 133)

Frente aos dilemas, as concepções da Educação Física estabelecem constantes conflitos quando esta encontra o esporte burguês e as implicações dos megaeventos esportivos são um resultado disso, se este for centralizador de suas práticas, ao determinar ações e metas, ao percebemos, nós professores vivemos sob o tapete dos resultados como definidor de seu trabalho desenvolvido na escola, ao se deparar em competições escolares, porém, parecem compatíveis as exigências de uma equipe de alto rendimento. A proposta do esporte de megaevento se difere da proposta pedagógica da escola, o alto rendimento não cabe dentro da escola, tanto que é por meio da disciplina da educação física que se pode elucidar, informar, criticar e praticar o esporte condizente ao espaço pedagógico presente na educação física escolar.

Tais discussões ao longo da década pressupõe e reedita a cada ciclo olímpico os objetivos na área do esporte. A exemplo a “III Conferencia Nacional do Esporte (CNE)” realizada no primeiro semestre do ano de 2010, apresentou para o debate o “Plano Decenal de Esporte e Lazer”, ao qual fixamos o seguinte recorte dos “10 pontos para projetar o Brasil entre os 10 mais”. Fernando Mascarenhas (2002) em “Megaeventos Esportivos e Educação Física” destaca os pontos 2 e 9 os quais são condizentes a nossa área, respec-

tivamente: institucionalização do esporte escolar e valorizar o trabalhador da área, especialmente o profissional de educação física, garantindo postos de trabalho, ao chamar a atenção para as seguintes ações. Segundo Mascarenhas (2012),

A cada novo ciclo olímpico, ainda que com diferentes nuances o discurso da valorização da Educação Física está presente, o diferencial agora parece ser a defesa da valorização estendida ao profissional de Educação Física. Se o que está no escopo da ambição olímpica do governo brasileiro, na verdade, é a massificação da prática esportiva a partir do ambiente escolar, e não propriamente a qualificação da disciplina pedagógica Educação Física, não é de se estranhar o abandono do professor em detrimento do profissional. Esta inflexão, em minha análise, resulta das reivindicações corporativas e do poder político que o CONFEF, representante e guardião cartorial da profissão, vêm amealhando junto ao Estado e à organização esportiva. (MASCARENHAS, 2012, p. 55)

Ainda na esteira do esporte de alto rendimento, o desenvolvimento tecnológico e das ciências do esporte fortalece a base teórica de instrumentalização para o treinamento desportivo que vem se intensificando nas últimas décadas. Segundo Kunz (2009) “a ciência que está à sua disposição não é uma ciência com interesse no ser humano ou na dimensão social do esporte, mas com interesse tecnológico e de rendimento”. Essa ciência coloca os indivíduos sob a constante busca de resultados, resultando na maximização de sua performance, decorrente de uma enorme domesticação do corpo e mente, situação que o coloca como uma “máquina” para a execução de movimentos mecanizados e padronizados, enquanto o atleta é excluído do processo de aperfeiçoamento físico-técnico-tático, tornando-se apenas executante de ordens já definidas e automatizadas. Sendo assim, a carreira de atleta é planejada, mensurada e descartada diante da performance, uma carreira abreviada e pautada pelos resultados condizentes ou não, numa busca direta pelo maior e constante pico de desempenho.

A respeito disso, o desenvolvimento das ciências do esporte proporciona a recuperação e prevenção de lesão nos atletas, mantendo-o competitivo e lucrativo por anos de temporada, sendo assim, forjando-se a este sistema uma peça primordial desta engrenagem da “fábrica de campeões”. A cada ciclo olímpico ou temporada é acompanhada de planejamento, sistematização das cargas de treino, aliada a uma imagem e conduta estereotipada e representativa de atleta, de herói nacional ou local. A maior expressão deste modo de preparação rotineira do esportista moderno, são os Jogos Olímpicos.

6. CONCLUSÃO

As relações entre megaeventos esportivos e a educação física escolar estão no mínimo intimamente estreitadas, respectivamente uma está subordinada a outra, por tratar do mesmo objeto, o esporte. Enquanto uma manipula toda competição e expressão esportiva, encontra-se no cenário no complexo de acumulação de capital e monopólios destas entidades “FIFA” e “COI” em que na equação o esporte aparece em cima do balcão de negócios servindo aos interesses capitalistas, sobressai o lucro e o esporte mercantilizado. Na outra face que o estudo trata, como um conhecimento da cultura corporal que em forma de conteúdo é uma prática hegemônica na cultura dos alunos e nas aulas de educação física, embasado em suas teorias não-críticas prioriza o desenvolvimento físico e motor, aperfeiçoa aspectos técnicos e táticos que sempre estará vinculada a um papel da educação física como área de conhecimento, seja qual for o ambiente que esteja, acaba por espelhar-se nos megaeventos esportivos. As teorias críticas, tentam em suas análises questionar, refletir a prática esportiva alertando que a mesma está ligada a um projeto esportivo apropriado aos valores da sociedade capitalista, estabelecidos numa ordem mundial, constatando a necessidade de superação e transformação destes valores na formação dos sujeitos que serão protagonistas desta nova história esportiva na qual está sendo edificada. No entanto, estamos longe de afastar manifestações que aprofundam este abismo social e opressões desta sociedade, sobre tudo no esporte, aparecem fortemente reproduzidas em seus valores do individualismo, o racismo, a homofobia, a discriminação e desigualdade de gênero como, por exemplo, nas Olimpíadas RIO 2016 foram registradas um novo recorde quanto ao aumento da participação feminina nas Olimpíadas, 45% dos atletas confirmados são mulheres, lembrando que elas só iniciaram a disputar os jogos em 1900 (Paris - FRA), o acesso da mulher ao esporte foi tardio e segue ainda restrito e limitado em muitos países, inclusive no Brasil. A diferença de condições entre homens e mulheres em competir se demonstram bem relevantes: na comparação, as mulheres tem menores salários, menor repercussão midiática basta ver entre a Copa Do Mundo FIFA masculina e a Copa Do Mundo FIFA Feminina de futebol, a discrepância de condições de treinamentos e valores nas premiações de competições femininas e masculinas, até mesmo nos megaeventos esportivos quando as confederações nacionais oferecem maiores premiações para os homens excessivamente na mesma modalidade esportiva, entre outros aspectos e prioridades que condicionam o melhor desempenho aos homens. Ainda

que não consigamos superar esta condição, na tentativa de reversão deste quadro a educação física deve se posicionar. A quem transmitir o conhecimento esportivo? Senão para todos, incentivar e aproximar as práticas esportivas, o desporto de competições ou não, como um direito, buscando atingir a equidade de acesso à toda diversidade de gêneros, ir ao afrente deste estereótipo e da supremacia masculina nos megaeventos esportivos.

É notório que o período de megaeventos esportivos no Brasil nos deixou tarefas de grande amplitude, ainda que seja difícil assimilar tudo em decorrência do tempo, pois estes nunca param, de 4 em 4 anos nos injetam um novo ciclo. Montamos, sediamos e organizamos um evento que nos deixou a margem de novos buracos políticos, econômicos e sociais. Quem irá ficar com as novas e caríssimas estruturas esportivas? Que já dão sinais de descaso e abandono, verdadeiros “elefantes brancos”, aliás, servirá de negócios e concessões da iniciativa privada por meio de obtenção destas estruturas financiadas entre muitas com dinheiro público, a falsa ideia de legado já foi percebida antes mesmo de serem “legados”. Deveremos traçar análises pertinentes a este período que deixou grandes marcos a sociedade brasileira, quando em uma cinzena crise econômica e política no Brasil causaram uma ebulição popular nos megaeventos esportivos ao serem unanimemente questionados, por que nossa condição tinha sido dada, de mero espectador e aceitação. Porém, julho de 2013 provou ser o maior movimento de massas das últimas décadas no Brasil, opondo-se e rompendo a este projeto esportivo, ao projeto de país. A exemplo disso, foi o próprio movimento estudantil de educação física que ao fazer parte, so-mando-se as ruas corajosamente dizendo: “Não vai ter copa!” demonstra a ousadia de estudantes e professores, grandes admiradores do esporte, aliás motivados a ingressar no curso por causa dele.

Entre muitos esportistas, mas que enxergam as contradições que os megaeventos esportivos apresentam ao estarem vinculados a lógica destrutiva do esporte capitalista. O que o desporto do capital é capaz de subverter, propondo polêmicas e escândalos desde a manipulação de resultados e ao constates casos de *Doping* patrocinado pelos governos dos países participantes, no caso mais famoso dos últimos anos. A delegação Olímpica de atletismo da Rússia ficou banida dos jogos Rio 2016, após comprovarem um sistema

de *Doping* encabeçada por diretores da WADA⁷ (Agência Mundial *Anti-doping*) e do ministério do esporte russo, encabeçadas pelo Presidente Vladimir Putin, trapaças usadas para os megaeventos esportivos, como nas Olimpíadas de Pequim (2008), Londres (2012) e nas Olimpíadas de Inverno em Sochi, cidade russa sede dos jogos em 2014, o qual ajudou a delegação russa na conquista de treze medalhas de ouro, resultado inédito na história do país.

Sem dúvidas implicações afrontosas para a credibilidade dos jogos, dos esportes. Comprovando o que já não era de agora o que o esporte espetáculo, o esporte de rendimento é capaz de fazer, de apregoar em prol da demonstração do poder e da supremacia, a tonar os governos populares atravessando as fronteiras internacionais. Na linha tênue da educação física escolar com o esporte não parece existir tantos espaços assim, será que a nossa proposta curricular e teorias pedagógicas vão de encontro a esta ruidosa realidade? Não podemos nos enganar, estamos perdendo de 7 a 1, mas não para a seleção de futebol da Alemanha, mas sim, para o projeto dos megaeventos esportivos ao estarem contaminados e apropriados para este patamar do capitalismo, que busca na sua expansão de mercados, o monopólio em todos os âmbitos que o esporte está inserido. Devemos criar o nosso lastro, retomar o que é de construção histórica da humanidade, de toda a expressão esportiva, do conhecimento que a educação física é capaz de criar e aperfeiçoar, nas produções científicas que expõe as contradições destas relações abertas dos megaeventos esportivos com a educação física, não temos na concretude as soluções e repostas certas! Porém, naquilo que nos é pertinente e condizentes para a superação do esporte burguês nas escolas, devemos fazer. Nos valores pregados estarão a quem deve servir, para um novo projeto esportivo e educacional, traçando o elo de intermédio da educação física, uma identidade capaz de justificar pedagogicamente sua intervenção no âmbito escolar, propondo caminhos coletivos de salvação e construção de uma sociedade de formadora crítica dos sujeitos, preservando e oportunizando o direito ao esporte e a educação.

⁷ Ver filme-documentário estadunidense “Icarus” (2017) dirigido e escrito por Bryan Fogel e Mark Monroe.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELINASSO, Bruna. **Manifestações Na Copa Das Confederações de Futebol de 2013:** (Des) Encontros, Contraditos e Realidade. Universidade Federal de Santa Maria, 2013.
- BETTI, Mauro. **Copa do Mundo e Jogos Olímpicos:** inversionalidade e transversalidades na cultura esportiva e na Educação Física escolar. *Motrivivência*, ano XXI, Nº 32/33, P. 16-27 Jun-Dez., 2009.
- BOURDIEU Pierre. **Sobre a Televisão seguido de a influência da mídia e os jogos Olímpicos.** Paris: Liber, 1996.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte.** Ijuí, 2005.
- BRASIL, Ministério dos esportes. **Dossiê de candidatura do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016.** Brasil, 2009.
- BRASIL, Ministérios dos Esportes. **Legados de Megaeventos Esportivos.** Brasília, DF, 2008.
- BRASIL, Vinicius. **A Copa do (a) Capital.** Universidade Federal de Santa Maria. 2015.
- COLOMBO, Bruno. **O esporte como estratégia de expansão do capital. As críticas, as contradições e as implações para a Educação Física.** XIX CONBRACE e VI CONICE, Brasil, jul. 2015. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7072>. Acesso em: 02.fev.2018.
- DE PAULA, Marilene. **Copa Do Mundo 2014: Legados e Desafios,** 2015.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 6 ed. Ijuí: Ed. UM JUÍ, 2009.
- KUNZ, Elenor **Esporte: uma abordagem com a fenomenológica.** Movimento - Ano VI, Porto Alegre, 2000.
- MASCARENHAS, Fernando. **Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunami.** *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 39-67, jan/mar de 2012.
- MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MCKINLEY, Dale T. **Copa do Mundo da África – Legado para quem?**. IELA, 2014.

PENNA, Adriana. **Esporte contemporâneo, um novo templo do capital monopolista**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Dirceu dos Santos; AMARAL, Silvana Cristina Frango; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Gestão das políticas públicas do Ministério do Esporte do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, 2015.

MENEZES, Francisco Carlos Leme de; SANFELISE, Gustavo Roesse. **A política e o Olimpismo**, 2014.

LIMA, M. A. de; MARTINS, C. J.; CAPRARO, A. M. Olimpíadas Modernas: a história de uma tradição inventada. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 12, n. 1, 2009.

BRACHT, Valter; ALMEIDAE, F. Quintão. **Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar**. Brasília, v. 26, jan./jun. 2013.

TAVARES, Otavio. **Megaeventos Esportivos**. Revista Movimento, Porto Alegre, 2011.